

ASPECTOS DA RECEPÇÃO CRÍTICA DA PROSA FICCIONAL DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Leandro Thomaz de ALMEIDA¹ (UNICAMP)

RESUMO: A avaliação dos romances de Joaquim Manuel de Macedo, contemporânea aos seus lançamentos, foi predominantemente elogiosa. Isso fica claro por meio das críticas, notícias de publicação e notas diversificadas que foram publicados nos jornais oitocentistas cariocas. Essa recepção crítica, no entanto, conflita com a que foi realizada posteriormente, sobretudo nas histórias literárias do século XX, as quais cristalizaram uma avaliação dos romances macedianos apontando-os como exemplos de puerilidade e sentimentalismo, o que os tornariam próprios para a leitura das mocinhas. Dessa forma, analisar essa primeira recepção, perceber as convenções que regulavam o gênero romanesco na época, e a forma como Macedo inseriu sua produção nesse cenário, constitui-se uma tarefa que certamente lançará uma visada sobre a obra macediana que relativizará o anacronismo analítico que freqüentemente regula essa recepção crítica posterior, além de permitir ao leitor contemporâneo uma familiarização com o diálogo que a obra de Macedo travou com sua própria época.

Palavras-chave: Crítica literária; romance brasileiro; Joaquim Manuel de Macedo

1 BREVE PANORAMA DA RECEPÇÃO CRÍTICA POSTERIOR

Ao se ter em vista a recepção crítica dos romances de de Joaquim Manuel de Macedo, uma disparidade se nota com certa facilidade. Quando examinamos a recepção crítica veiculada nas histórias literárias, o retrato que temos é o de um escritor que não alcançou as maiores alturas com sua produção romanesca, tendo ficado na mediocridade de romances repletos de intrigas amorosas pueris e de meros retratos de costumes. É o que lemos, por exemplo, em Antônio Cândido, quando diz que Macedo ajustou-se “estritamente ao meio fluminense do tempo”², o que lhe garantiu popularidade e certa imortalidade na memória dos leitores. E foi esse ajuste de Macedo que parece ter facilitado a classificação de toda sua obra em uma sentença definitiva: “realidade, mas só nos dados iniciais; sonho, mas de rédea curta; incoerência, à vontade; verossimilhança, ocasional, linguagem, familiar e espraçada: eis a estética dos seus romances”³. Vale ressaltar que esse juízo crítico está imbuído de uma avaliação negativa, aspecto importante de se levar em consideração para os objetivos que temos em vista neste artigo. O cenário não se altera na análise empreendida por Alfredo Bosi em sua *História concisa da literatura brasileira*. Ao comentar a obra macediana, Bosi indica que o autor d’*A Moreninha* estava por demais enrodilhado com as questões mezinhas com as quais se deparava constantemente em seu meio social, daí não ultrapassar “os preconceitos vigentes em torno do casamento, do dinheiro, da vida política”⁴. É como se Macedo não tivesse conseguido utilizar-se adequadamente do que o meio lhe oferecia como matéria da arte, ficando ele na categoria de “sub-romancista pela pobreza da fantasia” e “sub-romântico pela mingua de sentimento”⁵. Para o autor da *História Concisa*, Macedo encontrou uma fórmula de sucesso com o romance *A Moreninha*, e repetiu-a ao longo de dezessete romances. Para não alongar os exemplos, que poderiam ser multiplicados pela citação de diversas outras histórias literárias, as quais, em sua grande maioria, apenas contribuiriam para reforçar o quadro proposto, finalizo com a análise

¹ O autor é mestrando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob orientação da profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu. Versão ligeiramente modificada deste texto foi apresentada no XII SETA – Seminário de Teses em Andamento, promovido pelo IEL-UNICAMP. Agradeço a Fapesp pelo apoio. E-mail: leandroth@gmail.com

² SOUZA, Antônio Cândido Mello e (1975). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo horizonte: Itatiaia. Pg.122

³ Ibidem.

⁴ BOSI, Alfredo (1975). *História concisa da literatura brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix. Pg.145

⁵ Ibidem.

empreendida por Luiz Roncari, autor também de uma história da literatura brasileira. Em sua análise, o crítico explicita os motivos da crítica negativa que lança aos romances macedianos, o que contribui para uma percepção ainda maior da disparidade que apontaremos em seguida. Na visão de Roncari, o (bom) romance deve evitar a evasão e a fuga do real, tornando-se, assim, “um meio de revelação e conhecimento” tanto para o leitor quanto para o autor. Segundo ele, Macedo optou pelo outro caminho possível, o de “estilizar e suavizar a imagem do mundo social representado”, o que acaba por transformar o romance “num passatempo e instrumento de ilusão”⁶. Sendo estas as premissas de que parte Roncari, não fica difícil perceber que sua análise se incumbirá de perceber tais características do que chama de “romance ilusório” n’*A Moreninha* de Macedo. O então jovem escritor preferiu, segundo o crítico, o “caminho da fuga da realidade a tentar olhá-la com os meios oferecidos pelo romance”⁷. Por isso percebem-se nele apenas intrigas amorosas de jovens estudantes, retratos de famílias “bem postas” e seus agregados e uma descrição dos personagens que absolutamente não os diferencia entre si. Reclama o crítico da ausência, tanto no enredo quanto na descrição dos personagens, das diferenciações e desigualdades presentes na sociedade brasileira de então. É por isso, também, que Macedo “isola” a trama do romance em uma ilha, cenário perfeito para o reencontro de dois amantes. Se a expectativa do crítico era a de ver um romance que retratasse com mais cuidado o meio, e transportasse para o enredo os conflitos sociais, não lhe resta mesmo outra opção que não a de sentenciar que, com *A Moreninha*, “o romance começa no Brasil pela sua pior vertente, que mais tarde será a dominante das telenovelas, criando uma falsa imagem do país e de sua formação social”⁸.

Os três exemplos aqui propostos cumprem satisfatoriamente a função de oferecer um panorama da recepção crítica de que foram alvo os romances macedianos. Não seria inútil ressaltar que Macedo escreveu, ao longo de toda sua vida, vinte um romances, dos quais apenas uns três (sobretudo *A moreninha*, *O moço-loiro* e *Os dois amores*) predominam nas histórias literárias como exemplo de sua produção romanesca, e são, ainda, tomados como base para as análises críticas empreendidas. A disparidade alentada no início desse tópico refere-se à que envolve essa recepção crítica de que falamos acima com aquela empreendida, ainda que de forma incipiente, pelos leitores contemporâneos ao lançamento dos romances macedianos, predominantemente, portanto, em meados do século XIX.

2 Breve panorama da recepção crítica contemporânea ao lançamento dos romances

Ao tomar contato com o juízo crítico emitido sobre os romances macedianos pelos leitores do oitocentos, o cenário já não é o mesmo do que foi vislumbrado acima. Macedo foi um dos grandes escritores de sua época, como indica, por exemplo, outro consagrado literário, José de Alencar, na época apenas mais um dentre os tantos leitores d’ *A moreninha*:

Naqueles bons tempos da mocidade, deleitava-o [refere-se a um colega] a literatura e era entusiasta do Dr. Joaquim Manuel de Macedo que pouco havia publicado o seu primeiro e gentil romance. – *A Moreninha*. Ainda me recordo das palestras em que meu companheiro de casa falava com abundâncias de coração em seu amigo e nas festas campestres do romântico Itaboraí, das quais o jovem escritor era o ídolo querido. Nenhum dos ouvintes bebia esses pormenores com tamanha avidez como eu, para quem eram completamente novos. Com a timidez e o acanhamento de meus treze anos, não me animava a intervir na palestra; escutava à parte; e por isso ainda hoje tenho-as gravadas em minhas reminiscências, a estas cenas do viver escolástico. Que estranho sentir não despertava em meu coração

⁶ RONCARI, Luiz (1995). *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp. Pg. 516

⁷ Ibid. Pg.518

⁸ Ibid. Pg.520

adolescente a notícia dessas homenagens de admiração e respeito tributados ao jovem autor d'*A Moreninha*! Qual régio diadema valia essa auréola de entusiasmo a cingir o nome de um escritor?⁹

Essa reputação de Macedo, contudo, é perceptível não só nos depoimentos pessoais e, pelo que é possível observar das análises críticas que localizamos nos periódicos oitocentistas, está baseada em algo mais do que a colocação social do autor d'*O moço loiro*, que chegou a ser preceptor da netas do Imperador e chegou à vice-presidência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Dutra e Mello, por exemplo, na que é considerada uma das primeiras críticas literárias escritas no Brasil, avalia *A moreninha*, então recém lançada. O crítico, com apenas vinte e um anos, inicia seu artigo esboçando um quadro geral do desenvolvimento do romance, que chama de “nova forma litteraria¹⁰” (provavelmente indicando, assim, o quanto o gênero é recente se comparado a outros como o drama e a poesia). Para ele, apenas o romance atingiria a “espirituosidade” das “cenar domésticas”, chegaria à “vida objetiva” e retrataria os “caracteres meio trágicos, meio-cômicos”. Nem a épica e nem a tragédia poderiam, segundo o crítico, realizar aquilo que se vê no gênero em que Macedo foi mais prolífico. Ao adentrar o enredo do romance, o jovem crítico destaca aqueles aspectos que servem de motivos para justificar o elogio a Macedo. Um destes é a simplicidade no modo de expressar os pensamentos. Assim, Dutra e Mello louva o romancista por ter poupado, com o enredo simples d'*A moreninha*, “um labirinto de fatos” aos leitores. Por isso, ao comentar um trecho que hoje nos parece tão banal, qual seja, o momento em que, no romance de Macedo, Carolina, após quase morrer afogada, perde uma concha no mar¹¹, Dutra e Mello exclama: “que verdade, que harmonia, que graça em tão poucas palavras!” Para ele, esta cena move os afetos a ponto de dizer ele que tudo nela é “patético” (vale lembrar que “patético”, aqui, não é um juízo negativo, como se a cena fosse exemplo de algo desastrado. Do ponto de vista retórico, o patético faz parte das provas intrínsecas da invenção, que é uma das partes do discurso, segundo, por exemplo, o manual de Francisco Freire de Carvalho¹², muito usado nas escolas do império para a instrução dos jovens). É verdade que Dutra e Mello reconhece ser *A moreninha* um romance que apresenta “um ou outro pequeno defeito”. Tais aspectos negativos, no entanto, são completamente suplantados pelos méritos da história que “apresenta-nos o quadro edificante da virtude” ao invés de deter-se no “pavoroso aspecto do crime”. Uma das virtudes do romance de Macedo, segundo o crítico, é que ele apresenta aquilo que contribui para a educação moral, uma vez que, para ele, “o belo e o bom têm por si sós bastante força para atrair as almas bem formadas”.

Outra crítica contemporânea a Macedo, desta vez sobre o romance *Vicentina*, é encontrada na *Revista Guanabara*, edição de março de 1855. Nela, fica explícita a preocupação com a função moralizante que o romance deveria apresentar. O autor da crítica anônima começa apontando a modernidade do gênero, tomado como substituto das “novellas e historias que tanto deleitavam nossos paes”. Para ele, o romance tem o poder de trazer ao povo “verdades metaphysicas” que de outro modo lhe escapariam. Além disso, tal gênero tem o poder de alcançar um grande número de pessoas, desde o mais rico ao mais pobre, uma vez que, se aquele tem meios de adquirir obras luxuosas que lhe indicam o caminho da religião e da moral, este se achega a estas por meio dos romances. No entanto, para que cumpra esse nobre fim, o autor da crítica expõe os critérios aos

⁹ ALENCAR, José de (1990). *Como e por que sou romancista*. Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas: Pontes. Pg. 37-38.

¹⁰ Todas as citações extraídas de MELLO, A. F. Dutra e. *Minerva Brasiliense*, 01/10/1844.

¹¹ Dutra e Mello a transcreve da seguinte forma: “- Ah!.. eu hia morrer afogada! Depois vendo-se com o vestido cheio de arêa começou a rir-se muito, sacudindo-o e dizendo ao mesmo tempo: -Eu cahi! Eu cahi!... E como se não bastasse essa passagem rapida do susto para o prazer ella olhou de novo para o mar e tornando-se levemente melancolica balbuciou com voz pesarosa apontando para a concha. – Mas... a minha concha!..”

¹² CARVALHO, Francisco Freire de (1861). *Lições elementares de eloquencia nacional*, 6ª edição. Lisboa. Typographia rollandiana.

quais deve o romance corresponder, caso contrário tornar-se-á “uma taça de deleterio veneno” (caso, segundo o crítico, dos romances *Paulo e Virgínia* de Bernardin de S. Pierre e *René e Atala* de Chateaubriand, postos nessa condição por abusar das “graças da linguagem e das seduções da poesia”. Exemplos de bons romances podem ser percebidos em *O conde de Monte Christo* e *Os sete peccados mortaes*, de Alexandre Dumas e Eugenio Sue, respectivamente, além é claro, em *Vicentina* de Macedo). Tais critérios passam pelo “plano simples e de summa moralidade”, características presentes em *Vicentina*, importantes na medida em que tornam o romance propício às moças, que ficariam, por meio da lição que dele aprenderiam, protegidas contra a “volúpia” da sociedade. Vemos presente aqui uma idéia bastante em voga quando o assunto é a forma de se encarar esse gênero “jovem” que é o romance, que é a preocupação com a moralidade. Elogiados, ainda, são os “tipos” do romance, como o do personagem Dr. Benedito, exemplo de “honradez nunca desmentida”. Digno de nota também, na visão do crítico, é o talento de Macedo para servir-se do “maravilhoso” e sua habilidade nas descrições, tão naturais e ao mesmo tempo de grande dificuldade para serem elaboradas. Além de tudo isso, outro motivo elencado para elogiar *Vicentina* são seus diálogos, “vivos e animados” (mais uma vez advertimos: “vivos e animados”, mais do que termos imprecisos, aludem ao que as regras retóricas diriam que contribui para um discurso que tem por alvo “excitar os afetos”, segundo, ainda, o mesmo manual de Freire de Carvalho). Se os “tipos” macedianos são “vivos e animados”, têm tudo para atrair a atenção e benevolência dos leitores. Ao final do artigo, seu autor deixa claro aquilo que se espera de um bom romance: ele deve servir “como um poderoso antídoto contra o veneno corrosivo da sociedade”. Esta preocupação do autor anônimo desta crítica está em perfeita consonância com o discurso dos primeiros defensores do romance, preocupados em justificá-lo diante de seus detratores dizendo que, “enquanto a vida em sociedade favoreceria os vícios e ensinaria como disfarçá-los, o romance os poria a nu e conduziria os leitores para o caminho da virtude¹³”. Em outras palavras, o gênero se justifica ao ser moral e instrutivo. Um último aspecto presente na análise desta obra de Macedo destaca aquilo que pode ser tomado como um outro critério também importante para se perceber as expectativas que incidiam sobre o romance. *Vicentina* teria o mérito de familiarizar o leitor com as cenas campestres brasileiras, a fim de que este aprecie o que é próprio de seu país. Nestas circunstâncias, a descrição das paisagens e dos costumes conhecidos dos leitores conta pontos a favor da obra. Fica evidente que esta observação sobre o romance de Macedo se insere em uma das questões candentes no Brasil à época: a busca pela expressão do nacionalismo brasileiro. Segundo Candido, “sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do *próprio* contra o *imposto*. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadramos¹⁴”.

Conclusão

A postura teórica adotada neste trabalho exige que a recepção crítica contemporânea sirva para que dela se destaquem os elementos que serviram de critério para a recepção crítica elogiosa dos romances macedianos. Dentre estes critérios, procuramos destacar três: a) a preocupação com o que as preceptivas retóricas indicavam para que o discurso tivesse força persuasiva junto ao leitor; b) a função moralizante que os romances deveriam apresentar; c) a contribuição do romance para a formação de um caráter tipicamente nacional, o que explica o grande apreço com que as descrições de cenas e costumes eram recebidas pelos leitores.

Macedo, ao menos segundo a leitura de seus contemporâneos, correspondeu a estes critérios. A disparidade que envolve a crítica contemporânea da crítica posterior, mormente veiculadas em

¹³ ABREU, Márcia Azevedo de (2003). *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp. Pg. 308.

¹⁴ Candido, op.cit. pg. 15.

histórias literárias, se explica pela ausência de preocupação dos críticos posteriores com os critérios que regulavam o gênero romanesco em meados do XIX. A recuperação dos critérios contemporâneos a Macedo, contudo, faz-se necessária na medida em que se considera necessário “determinar os efeitos próprios aos diferentes modos de representação, de transmissão e de recepção dos textos [o que é,] portanto, uma condição necessária para evitar todo anacronismo da compreensão das obras”¹⁵. Se nos perguntamos, ainda, pela “convenção específica que baliza a criação letrada em suas formas definidas tradicionalmente¹⁶”, vemos que esta diferiu de um século a outro, o que impede que critérios modernos sejam usados para a avaliação de obras do passado.

¹⁵ CHARTIER, Roger (2002). *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS. Pg. 260.

¹⁶ PÉCORA, Alcir (2001). *Máquina de Gêneros*. São Paulo: Edusp. Pg. 13.

Referências bibliográficas:

ABREU, Márcia Azevedo de (2003). *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp.

ALENCAR, José de (1990). *Como e por que sou romancista*. Adaptação ortográfica de Carlos de Aquino Pereira. Campinas: Pontes.

BOSI, Alfredo (1975). *História concisa da literatura brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix.

CARVALHO, Francisco Freire de (1861). *Lições elementares de eloquência nacional*, 6ª edição. Lisboa. Typographia rollandiana.

CHARTIER, Roger (2002). *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS.

MELLO, A. F. Dutra e. *Minerva Brasiliense*, 01/10/1844.

PÉCORA, Alcir (2001). *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp.

RONCARI, Luiz (1995). *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp.

SOUZA, Antonio Candido Mello e (1975). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia.